

A análise cultural: um método de procedimentos em pesquisas¹

Cultural analysis: a procedure method in research

Ana Luiza Coiro Moraes
anacoiro@gmail.com

Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero.
Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria.

Resumo

O artigo acrescenta o método análise cultural ao protocolo metodológico dos Estudos Culturais (EC), buscando explorar seu alcance epistemológico como sistema capaz de interpretar significados dados pelas pesquisas em comunicação. Desenvolve-se elencando algumas categorias analíticas, a partir da noção de método analítico e da tradição epistemológica dos EC.

Palavras-chave: epistemologia, Estudos Culturais, análise cultural, método analítico.

Abstract

The article adds the method of cultural analysis to the methodological protocol of Cultural Studies, seeking to explore its epistemological scope as a system capable of interpreting meanings given by research in the area of communication. It is developed by listing some analytical categories on the basis of the notion of analytical method and the epistemological tradition of Cultural Studies.

Keywords: epistemology, Cultural Studies, cultural analysis, analytical method.

Este artigo se desenvolve a partir da proposta apresentada ao Grupo de Trabalho (GT) Epistemologia da Comunicação do XXIV Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), em 2015², que, por sua vez, dava continuidade ao debate conceitual iniciado no mesmo GT, no Encontro de 2011. Naquele momento e em textos posteriores, buscava-se situar o materialismo cultural de Williams como herdeiro da dialética e do materialismo dialético, constituindo-se, assim, em um método para as pesquisas sob o amparo dos Estudos Culturais (EC). Trata-se, agora, de propor um paradigma analítico, que se alia ao protocolo metodológico indicado nos textos que defendem o *materialismo cultural*

como método próprio dos EC, trazendo, para isso, a ideia de que é possível reconhecê-lo como um *método de abordagem*, ao passo que a *análise cultural* se constitui, então, em *método de procedimento*.

O intuito do presente artigo, portanto, é acrescentar o método *análise cultural* ao protocolo metodológico dos EC, buscando explorar seu alcance epistemológico como sistema capaz de decodificar significados dados pelas pesquisas em comunicação. Parte-se, para tanto, de Raymond Williams, que apresenta a cultura como um

sistema de significações mediante o qual necessariamente (se bem que entre outros meios) uma dada ordem social é comunicada, reproduzida, vivenciada e estudada [...] mas também todas as “práticas significativas” – desde a linguagem, passando pelas artes e filosofia, até o jornalismo, moda e publicidade – que agora constituem esse campo complexo e necessariamente extenso (Williams, 1992, p. 13).

1 Artigo desenvolvido a partir de pesquisa com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, Brasil: Processo nº 462189/2014-7; Chamada MCTI/CNPQ/Universal 14/2014.
2 Agradeço a Lucrécia Ferrara pelo cuidadoso relato, bem como aos demais colegas cujos comentários e perguntas no âmbito das atividades do GT em muito contribuíram para a atual feição do artigo.

A complexidade desse campo, que não quer ser reconhecido como “uma grande narrativa, ou um metadiscorso de qualquer espécie”, como pontua Hall (2003, p. 201) em *Estudos Culturais e seu legado teórico*, tem, por isso mesmo, causado certo estranhamento acadêmico em relação ao projeto dos EC, sempre guardado e vigiado por aqueles que temem a sua institucionalização.

Lobo, Cedeño e Rutter-Jensen (2012), reconhecendo a institucionalização dos EC nas universidades de ponta da América Latina, argumentam que o modo como a parte da região de fala espanhola se apropriou desse projeto foi sensivelmente diferente do que acontecia em Birmingham (onde surgiu, em 1964, o Center for Contemporary Cultural Studies – CCCS, que teve fim em 2002), compartilhando sua perspectiva sobre a cultura, mas refutando a ideia de que os EC seriam mais uma prática individual do que um campo institucionalizado. No Brasil, há uma situação paradoxal, pois muitas vezes os mesmos pesquisadores que se lançam em defesa da não institucionalização dos EC têm suas pesquisas neste campo amparadas pelas agências de fomento à pesquisa (e não há nada mais institucional do que o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico [CNPq], agência do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação do Brasil).

Martino (2009, p. 1) observa que, “embora, no ambiente acadêmico internacional, exista uma quantidade considerável de pesquisadores que se valem do repertório conceitual-metodológico dos Estudos Culturais, não parece haver consenso a respeito de qual é esse repertório”. Para ele:

Há certa concordância no que diz respeito à genealogia dos Estudos Culturais. No entanto, isso não é o bastante para estabelecer um cânone teórico, e essa unidade desaparece quando se trata de definir seus princípios teórico-metodológicos e práticos de pesquisa. A resolução parece estar na própria genealogia: a recusa, durante toda a trajetória do Centro, a uma definição epistemológica, o que significaria transformar os Estudos Culturais de uma prática dinâmica em um corpo estático de princípios (Martino, 2009, p. 1).

De fato, Hall (2003) comenta que os embates provocados pela “diversidade de trajetórias” e pelo “número de metodologias e posicionamentos teóricos diferentes” abrigados no interior do projeto dos EC legaram ao trabalho do CCCS a alcunha de “ruído teórico”. Mas é ainda Hall quem pondera que a “recusa de se fechar o campo, de policiá-lo” não deve levar à formulação de que “os estudos culturais não constituem uma área de regulamentação disciplinar, ou seja, que vale qualquer tipo de ação desde que o autor opte por se denominar ou se posicionar dentro do seu projeto e prática” (Hall, 2003, p. 201).

Neste sentido, o intuito deste artigo é investigar tanto os eixos teóricos quanto o instrumental metodológico presentes na própria gênese dos EC e consolidados ao longo de muitas pesquisas no campo da comunicação, para apresentar um método de procedimentos, que se dirige às categorias analíticas de pesquisas, a fim de subsidiar as estratégias de apropriação dos EC como reflexão teórica e metodológica. Para tanto, o texto se organiza em seções que se seguem a esta introdução, de modo que em um primeiro momento são apresentados os princípios definidores de métodos de abordagem e de procedimentos. Já adiante, o texto busca caracterizar especificamente a análise cultural como método de procedimentos, trazendo alguns dos principais conceitos dos EC na forma como vêm sendo operacionalizados como categorias analíticas. Assim, antes de encaminhar suas conclusões e de modo a apontar concretamente como atua esse método de procedimentos, o artigo situa a análise cultural segundo Raymond Williams (2011) e destaca suas características gerais, ou seja, a análise cultural é política, conjuntural e articula produção e consumo cultural.

Métodos de abordagem e métodos de procedimentos

Lakatos e Marconi (2003) distinguem, de um lado, os *métodos de abordagem*, que se referem à concepção de uma pesquisa, a seus fundamentos lógicos e aos processos de raciocínio adotados. Neles, há uma “abordagem mais ampla, em nível de abstração mais elevado, dos fenômenos da natureza e da sociedade”. De outro lado, o que as autoras chamam de *métodos de procedimentos* se relaciona a “etapas mais concretas da investigação, com finalidade mais restrita em termos de explicação geral dos fenômenos, e menos abstratas” (Lakatos e Marconi, 2003, p. 106).

Dentre os primeiros, os *métodos de abordagem*, são apontados os métodos indutivo, dedutivo, hipotético-dedutivo e dialético (Demo, 1981). Neste sentido, no esforço de refletir sobre o caráter teórico-metodológico das pesquisas em comunicação organizadas ao amparo dos EC, através do seu arcabouço conceitual e dos padrões formadores de suas práticas de análise, sinalizou-se, em trabalhos anteriores, o *materialismo cultural* de Williams como um método (passível de ser reconhecido como de abordagem) que se constrói em interlocução e amplia o materialismo dialético de Marx e Engels, por sua vez um método herdeiro da dialética (Coiro-Moraes, 2011, 2012, 2014).

Neste artigo, contudo, o que se propõe é, a partir da afirmação de que “o materialismo cultural se fundamenta na e subsidia a análise cultural” (Coiro-Moraes, 2014, p. 237), situar o debate conceitual em torno de uma epis-

temologia dos EC nos padrões formadores de suas práticas de análise, isto é, em seus procedimentos analíticos. Assim, a análise cultural pode ser localizada no que Lakatos e Marconi (2003, p. 221) nomeiam *métodos de procedimentos*, que “pressupõem uma atitude concreta em relação ao fenômeno”; ou, como indica Gil (2008), como um dos *métodos que indicam os meios técnicos da investigação*:

Estes métodos têm por objetivo proporcionar ao investigador os meios técnicos para garantir a objetividade e a precisão no estudo dos fatos sociais. Mais especificamente, visam fornecer a orientação necessária à realização da pesquisa social, sobretudo no referente à obtenção, processamento e validação dos dados pertinentes à problemática que está sendo investigada (Gil, 2008, p. 15).

Dessa forma, sintetizando a noção de *métodos de procedimentos* de Lakatos e Marconi (2003) e a de *métodos que indicam os meios técnicos da investigação* em Gil (2008), é possível considerar a análise cultural inserida em ambas as classificações, que remetem a ações concretas no contexto da pesquisa. E, trazendo Richardson (1999, p. 22) a este debate, para quem “método é o caminho ou a maneira para chegar a determinado fim ou objetivo, distinguindo-se, assim, do conceito de metodologia, que [...] são os procedimentos e regras utilizadas por determinado método”, é possível afirmar que a *análise cultural* tem sua gênese no método *materialismo cultural*, a ele oferecendo instrumental analítico alinhado aos padrões formadores de suas concepções.

Assim, a reflexão que aqui se faz sobre o caráter teórico-metodológico das pesquisas em comunicação organizadas ao amparo dos EC investiga seu arcabouço conceitual e os padrões formadores de suas práticas de análise, efetivadas nas tantas especificidades, particularidades e contextualizações de toda sorte de conjunturas sociais hoje articuladas em seu nome.

A análise cultural como método de procedimentos

Busca-se aqui elencar alguns dos princípios instituídos e algumas das regularidades que devem ser levados em conta por aqueles que querem lançar mão do arcabouço teórico-metodológico dos EC em suas pesquisas, caracterizando a análise cultural como um instrumento de análise cujo vínculo com o materialismo cultural se dá na relação do método analítico com o método de abordagem. Todavia, para situar a análise cultural na prática investigativa, antes de tudo, cabe estabelecer a premissa na genealogia da palavra cultura, que vai do sentido de algo a ser cultivado ao significado antropológico: “O desenvolvimento da

palavra cultura é um registro de um número de reações importantes e permanentes a [...] mudanças em nossa vida social, econômica e política, e que pode ser visto, ele mesmo, como um tipo especial de mapa pelo qual a natureza das mudanças pode ser explorada” (Williams, 2011 [1958], p. 18-19).

Assim, ao “cultivar” uma proposta da análise cultural como método de procedimentos, parte-se de *The Long Revolution*, a obra de Williams (2003 [1961]) onde há um capítulo denominado análise cultural, trazendo exemplos de pesquisas em que se apresentam alguns conceitos dos EC na forma como vêm sendo operacionalizados como categorias analíticas.

A análise cultural segundo Raymond Williams: a ideia de estrutura de sentimento

Metodologicamente, a análise cultural desloca a centralidade da investigação da estruturação política, econômica, para buscar contextualizar essa estruturação na “vida real expressa pelo conjunto da organização” social (Williams, 2003, p. 58).

Neste sentido, Williams (2003) distingue três níveis de cultura: 1) a cultura vivida em um determinado período e lugar, que apenas se encontra totalmente acessível para aqueles que vivem ou viveram em tal espaço-tempo; 2) a cultura registrada, desde a arte até os fatos mais cotidianos, isto é, a cultura documentada de um período; e 3) a cultura da tradição seletiva, fator vinculante entre a cultura vivida e os registros da cultura em distintos períodos.

Ele observa que quando a cultura de um período já não é presente, ou seja, não é mais uma cultura vivida, o passado sobrevive, ainda que de maneira mais restrita, nos documentos deixados por essa e/ou acerca dessa cultura. E, através da cultura registrada, é possível obter uma ideia razoavelmente clara sobre o acervo cultural, os padrões gerais de atividade e os valores desse período. Contudo, permeando a sobrevivência da cultura de determinado período há seleções (do que constitui acervo, de quais são efetivamente os padrões e valores culturais), que se dão no momento mesmo em que essa cultura é vivida, mas, também, nos próximos períodos, formando, de modo gradual, em continuidades e rupturas que acontecem em cada época subsequente, uma tradição (Williams, 2003).

Um exemplo disso pode ser apontado na consulta a dados documentais em acervos de jornais, pois se à cultura vivida correspondem os acontecimentos que estavam em curso em determinado tempo e lugar, o agendamento do que e de quem é notícia, no momento do registro desses fatos, isto é, quando eles adquirem o estatuto de acontecimentos jornalísticos, já se constituiu em uma primeira seleção; e, finalmente, quando acontece a busca pelos registros dessas fontes, é muito provável que ela venha a ser orientada pelos propósitos atuais da pesquisa

que originou a consulta, o que institui a tradição seletiva. “Teoricamente, um período se documenta; na prática, essa documentação é absorvida por uma tradição seletiva, e ambos os momentos são diferentes da cultura vivida” (Williams, 2003, p. 59).

Williams (2003) assinala ainda que em dada sociedade e em todas as suas específicas atividades a tradição cultural pode ser vista num *continuum* de seleções, que no decorrer do tempo eliminam ou redesenham determinadas linhas de interpretação, para trazer outras à análise. Isso porque “a tradição cultural não é somente uma seleção, mas também uma interpretação” (Williams, 2003, p. 61). De tal modo, o que a análise cultural deve apontar, segundo o autor, são as interpretações, as alternativas históricas e os específicos valores contemporâneos através dos quais são trazidos para o presente uma obra, o acervo ou a experiência dos sujeitos de determinado período, de dado lugar. Ele alerta, no entanto, para a dificuldade de apreensão analítica do que é uma “sensação vivida”, isto é, a percepção de como se combinavam as atividades específicas em um modo de pensar e viver que é próprio daquele tempo-espaço. A expressão que escolhe para descrever tal característica é estrutura de sentimento, que é “tão sólida e definida como sugere a palavra ‘estrutura’, mas atua nos espaços mais delicados e menos tangíveis de nossa atividade” (Williams, 2003, p. 57).

Williams (1979) esclarece como se articulam o que é da ordem do emocional (os sentimentos), que particulariza as experiências compartilhadas por determinado grupo social, e o que é experiência reflexiva, nas nuances das relações dos sujeitos com as estruturas institucionais. Para ele, enquanto estrutura atenta a “uma série, com relações internas específicas, ao mesmo tempo engrenadas e em tensão”, sentimento marca uma distinção em relação aos conceitos formais de visão de mundo, ideologia e consciência, para dar conta de significados tais como são vividos e sentidos ativamente, considerando que “as relações entre eles e as crenças formais ou sistemáticas são, na prática, variáveis (inclusive historicamente variáveis), em relação a vários aspectos” (Williams, 1979, p. 134). Filmer (2003) observa, no percurso do amadurecimento conceitual da noção de estrutura de sentimento promovida por Williams, a sua especificidade empírica histórica: “A estrutura é sempre a do sentimento real, ligado à particularidade da experiência coletiva histórica e de seus efeitos reais nos indivíduos e nos grupos” (Filmer, 2003, p. 303).

Tais experiências, contudo, podem ser articuladas ao processo analítico instrumentalizado pelas estruturas de sentimento em três noções. A primeira delas, a residual, é percebida nos processos e práticas sociais ancoradas nos resquícios de modelos já estabelecidos no passado. A perspectiva dominante pode ser compreendida como as práticas legitimadas como hegemônicas e em vigência no

momento observado, e a terceira, a emergente, caracteriza-se pelos novos processos e práticas que buscam contrapor-se ao modelo dominante, representando “áreas da experiência, aspiração e realização humanas que a cultura dominante negligencia, subvaloriza, opõe, reprime ou nem mesmo pode reconhecer” (Williams, 1979, p. 127).

Para Brennen (2003, p. 129), é promovendo a compreensão das conexões entre passado, presente e futuro que “cada específica estrutura de sentimento ajuda a articular a experiência social como ela ainda está sendo vivida, antes mesmo de algumas delas poderem se tornar codificadas como visão de mundo ou ideologia”. A própria análise de Brennen (2003) a respeito de *All the President's Men* (Todos os homens do Presidente), dos repórteres do *The Washington Post* Bob Woodward e Carl Bernstein, que cobriram o escândalo conhecido por Watergate, cujo ápice foi a renúncia do presidente norte-americano Richard Nixon, em 1974, indica que essa cobertura “ilustra uma específica estrutura de sentimento a respeito do apropriado comportamento da imprensa na sociedade contemporânea”, que a partir de então se consolidou como estruturante do fazer jornalístico (Brennen, 2003, p. 117).

Bonnie Brennen aponta ainda “a influência residual que *Todos os homens do Presidente*, de Woodward e Bernstein, tem sobre a criação de uma estrutura de sentimento em relação à [...] sua [da imprensa] função de *watchdog*”. Para ela, tanto os manuais de redação quanto livros didáticos sobre jornalismo contemporâneo, muitas vezes, descrevem Woodward e Bernstein numa “perseguição implacável da história completa e enquadram a investigação jornalística como uma nobre missão” (Brennen, 2003, p. 121).

Exemplo de uma prática jornalística adotada por Woodward e Bernstein que se tornou um cânone foi um dos critérios usados por eles para apurar os fatos, isto é, que pelo menos duas fontes precisariam confirmar a alegação de uma atividade criminal denunciada por uma primeira fonte, para que essa denúncia fosse publicada (Brennen, 2003). Ou seja, a experiência dos repórteres resultou numa estrutura do jornalismo investigativo a partir de então.

A análise cultural é política

A vinculação política do projeto dos EC é evidenciada na interlocução com o pensamento marxista e com as diversas reflexões que o sucederam e atualizaram, a partir do próprio ativismo contestatório de Raymond Williams, Richard Hoggart e Edward P. Thompson no contexto da cultura britânica do final dos anos 1950. Isso indica que, para pesquisadores vinculados aos EC, as questões de ordem econômica e política podem e devem integrar seu protocolo analítico.

Os estudos culturais constituem um corpo de teoria construída por investigadores que veem a produção de conhecimento teórico como uma prática política. Aqui, o conhecimento não é nunca neutro ou um mero fenómeno objetivo, mas é questão de posicionamento, quer dizer, do lugar a partir do qual cada um fala, para quem fala e com que objetivos fala (Barker, 2008, p. 27).

De fato, tanto Williams como Thompson foram destacados ativistas do movimento político e intelectual surgido nos anos 1950, a New Left, que em seu primeiro momento tentava, “através do programa materialista, compreender a realidade da experiência da vida sob o capitalismo na sua feição britânica pós-imperial” (Cevasco, 2001, p. 123-124).

Williams consolida a concepção de materialismo cultural ao longo de sua obra e de seu contato (e discussão) com o pensamento de Lukács, Brecht, Althusser, Escola de Frankfurt, Círculo de Bakhtin e, especialmente, a partir do conceito de hegemonia, de Gramsci, retomado por ele como noção central na descrição do processo de produção e reprodução da cultura.

A ênfase na hegemonia e no hegemônico passou a incluir os fatores culturais, além dos políticos e dos econômicos; o termo distingue-se, nesse sentido, da ideia alternativa de uma base econômica e de sua superestrutura política e cultural, segundo a qual quando a base muda a superestrutura também muda, não importando o grau de obliquidade ou de atraso (Williams, 2007 [1983], p. 200).

Neste sentido, o norte-americano Douglas Kellner (2001) propõe um estudo “cultural, multicultural e multiperspectívico”, que deve contemplar três níveis de análise: 1) Produção e economia política; 2) Análise textual e crítica; 3) Estudos de recepção. Ao examinar produtos culturais, dos filmes da franquia Rambo a expoentes da música pop, como Madonna, o autor defende a necessidade de EC contextualizados através de uma crítica diagnóstica.

A crítica diagnóstica [...] possibilita compreender as múltiplas relações entre textos e contextos, entre cultura da mídia e história. Nossa crítica diagnóstica da cultura contemporânea da mídia indica que a hegemonia ideológica na sociedade americana hoje é complexa, controversa e está sendo constantemente questionada. A hegemonia é negociada e renegociada, é vulnerável a ataques e à subversão. [...] A leitura diagnóstica da cultura da mídia, portanto, possibilita a compreensão da situação política atual, dos pontos fortes e vulneráveis das forças políticas em disputa, bem como das esperanças e dos temores da população. Dessa perspectiva, os textos da cultura da mídia propiciam uma boa compreensão da constituição

psicológica, sociopolítica e ideológica de determinada sociedade em dado momento da história (Kellner, 2001, p. 123).

Tal posicionamento, por uma crítica que transite por textos e contextos, de acordo com Hall (2003, p. 133), em *Estudos Culturais: dois paradigmas*, já estava presente nos livros seminais que formaram os EC³, pois eles “constituíam respostas às pressões imediatas do tempo e da sociedade em que foram escritos, ou eram focalizados ou organizados por tais respostas”. O que leva à segunda característica do método analítico que aqui se propõe.

A análise cultural é conjuntural

Nesta perspectiva, aponta-se o caráter fortemente conjuntural necessário à análise cultural, que corresponde à direção que Grossberg (2006, p. 8) reivindica como a própria condição de sobrevivência dos EC como projeto, cujas análises devem se posicionar “em resposta às condições conjunturais e demandas” localizadas. Para ele, “o cerne dos estudos culturais é um projeto – uma prática intelectual radicalmente contextual, anti-universalizadora, comprometida com a complexidade, oposta a toda e qualquer forma de reducionismo, etc.” (Grossberg, 2013, p. 4).

Nesse autor ainda é possível ler a pertinência de uma análise cultural que se ocupe do particular contexto sócio-histórico em que se insere, mobilizando “recursos teóricos e empíricos disponíveis para começar a construir respostas”, o que, de novo, é o que Grossberg (2013, p. 4) assinala como condição de futuro para os EC:

Este projeto permanece constante no transcurso de vários momentos “conjunturais” ou contextuais. Mas as formações particulares – as lutas políticas e possibilidades em jogo, as perguntas que precisam ser feitas, os recursos teóricos e empíricos disponíveis para começar a construir respostas, todas essas coisas – têm de ser continuamente questionadas e reconstruídas de modos que façam com que os estudos culturais sejam responsáveis em relação a seu contexto.

Para Hall (2003, p. 133), os livros de formação dos EC, fossem eles históricos (como as análises de Williams a respeito da literatura inglesa da década 1860/1870), fossem contemporâneos (tendo como mote os anos 1960 e 1970), levaram seus leitores a atentar para a tese de que “concentradas na palavra ‘cultura’ existem questões diretamente propostas pelas grandes mudanças históricas que

³ Os livros são: *The Uses of Literacy* (1957), de Richard Hoggart, *Culture and Society* (1958), de Raymond Williams, e *The Making of the English Working-class* (1963), de Edward Palmer Thompson, considerados os textos fundadores dos EC.

as modificações na indústria, na democracia e nas classes sociais representam de maneira própria e às quais a arte responde também, de forma semelhante” (Williams, 1961, *apud* Hall, 2003, p. 132-133).

Dessa forma, empreender uma análise cultural comprometida com as conjunturas dadas pelas próprias práticas sociais de dado objeto de estudo passa por um tipo de reflexão que inclui as inter-relações de todas essas práticas, buscando suas regularidades, isto é, os padrões que nelas se repetem e, também, o que representa rupturas desses padrões. Para tanto, Williams (2003 [1961], p. 56), definindo a teoria da cultura como “o estudo das relações entre os elementos de todo um modo de vida”, assinala que

A análise da cultura tem o intento de descobrir a natureza da organização que constitui o complexo dessas relações. A análise de obras ou instituições específicas é, neste contexto, a análise de seu tipo essencial de organização, as relações que umas ou outras encarnam como partes da organização em seu conjunto. Nela, a palavra-chave é “padrão”: qualquer análise cultural útil se inicia com o descobrimento de um tipo característico de padrões, e a análise cultural geral se ocupa das relações entre eles, que às vezes revelam identidades e correspondências inesperadas entre atividades até então consideradas em separado, e em outras ocasiões mostram descontinuidades imprevistas.

Tais continuidades ou rupturas, ressalte-se, incluem padrões de exclusão cultural, como os investigados pela tese de Giane Vargas Escobar⁴, que, ao verificar no jornal *A Razão*, entre 1960 e 1980, a visibilidade de mulheres negras eleitas rainhas e princesas em certames promovidos pelo Clube Treze de Maio de Santa Maria, encontrou apenas registros de reportagem na coluna social e na capa das edições de 6 e 12 de fevereiro de 1970, único momento em que uma negra chegou a ser Princesa do Carnaval da cidade. A análise cultural, neste caso, atenta para regularidades que se configuram nos critérios de noticiabilidade do jornal, mas, mais do que isso, para o que esses critérios revelam em termos de práticas culturais do período e do lugar pesquisados.

Escosteguy (2012, p. 28) recorre a Calhoun e Sennett (2007)⁵ para pensar que “as formas culturais são sempre fruto de práticas que, por sua vez, viabilizam novas práticas, sendo que qualquer uma delas é socialmente situada e tem existência relacional”. Por isso, para esses autores,

4 Em andamento no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria.

5 Nas referências de Escosteguy (2012, p. 37): CALHOUN, C.; SENNETT, R. Introduction. In: _____. (Org.). *Practicing culture*. Londres/Nova York: Routledge, 2007.

a análise da cultura atua na investigação “dos modos pelos quais processos sociais se transformam em formas culturais pela atividade prática e, por sua vez, configuram a improvisação de [outras] práticas sociais” (Calhoun e Sennett, 2007, p. 5, *apud* Escosteguy, 2012, p. 29).

Assim, os padrões que marcam as práticas sociais num específico momento e numa particular formação social e as maneiras como são vividos, experimentados e, por vezes, reinventados pelos sujeitos, de modo a se tornarem “novas práticas sociais”, constituem seus “modos de organização”, ou seja, “padrões culturais”, de onde as regularidades e as rupturas podem ser rastreadas no processo analítico, tendo em conta, para tanto, os elementos que são capazes de diagnosticar essas conjunturas espaço-temporais e, nelas, a experiência dos sujeitos.

A análise cultural articula produção e consumo cultural

Stuart Hall refere-se à dimensão epistemológica da contemporânea centralidade da cultura, caracterizando-a num tipo de abordagem de análise social que assume a “cultura como uma condição constitutiva da vida social, ao invés de uma variável dependente, provocando, assim, nos últimos anos, uma mudança de paradigma nas ciências sociais e nas humanidades que passou a ser conhecida como a ‘virada cultural’”. Ele localiza as origens dessa virada numa “revolução de atitudes em relação à linguagem”, que tem, todavia, um alcance mais amplo, pois se trata de “um interesse na linguagem como um termo geral para as práticas de representação, sendo dada à linguagem uma posição privilegiada na construção e circulação do significado” (Hall, 1997, p. 220-221).

O fato é que a virada cultural se operacionaliza em termos de uma atenção à esfera da recepção dos meios de comunicação, transgredindo a ideia de uma mensagem analisada como mera transmissão do emissor para o receptor, através de modelos como o de “codificação/decodificação”, uma teoria da recepção da televisão formulada por Hall, em ensaio de 1980. Nesse momento, de aproximação dos EC com as análises semióticas, ele aponta, no entanto, para o efeito ideológico de “certos códigos”, que podem estar “tão amplamente distribuídos em uma cultura ou comunidade de linguagem específica, e serem aprendidos tão cedo, que aparentam não terem sido construídos – o efeito de uma articulação entre signo e referente – mas serem dados ‘naturalmente’” (Hall, 2003, p. 393).

Mas é o próprio Hall (2003), ao comentar as “rupturas significativas” que sinalizaram a emergência dos EC como problemática distinta, que se refere à experiência de outro pioneiro dos estudos culturais, Richard Hoggart, cujas pesquisas de caráter empírico, que incluíam a análise de revistas populares, resultaram no livro *As utilizações da cultura (The uses of literacy)*, de 1957, como um marco no

sentido de promover uma mudança de perspectiva acerca da relação entre a esfera da produção da cultura de massa e de como dela se apropriam as classes trabalhadoras, isto é, a esfera da recepção.

As utilizações da cultura propôs-se – muito no espírito da “crítica prática” – a ler a cultura da classe trabalhadora em busca de valores e significados incorporados em seus padrões e estruturas: como se fossem certos tipos de “textos”. Porém, a aplicação desse método a uma cultura viva [...] foi um desvio radical (Hall, 2003, p.132) (o grifo é nosso).

De fato, na primeira parte do livro, “uma ordem ‘mais antiga’”, Hoggart (1973 [1957]) investigava o modo como o pessoal e o concreto, o presente e o imediato, a tradição oral e a arte popular, os papéis da família e da comunidade compõem a vida do povo, a cultura (tradicional) das classes trabalhadoras. A segunda parte, “o antigo cede lugar ao novo”, concentrava-se nas mudanças trazidas pela “nova arte de massas”, analisando publicações populares – produzidas sob a organização comercial, em larga escala e em busca de lucro – e seus efeitos sobre os consumidores: seus valores “antigos” confrontando-se com apelo a sexualidade e violência, tônica da produção textual dessas revistas. Todavia, essa tentativa de perscrutar os reais significados dos relatos colhidos nas pesquisas de campo resultou de certa forma na metodologia que doravante marcaria os EC, pois, mais do que a minuciosa pesquisa a que procedia, o autor aconselhava:

Devemos tentar ver, para além dos hábitos, aquilo que os hábitos representam, ver através das declarações e respostas o que estas realmente significam (significado que pode ser oposto a essas próprias declarações), detectar os fatores emocionais subjacentes a expressões idiomáticas e práticas ritualísticas (Hoggart, 1973 [1957], p. 20-21).

Para Escosteguy (2009), o próprio aporte dos EC como teoria interpretativa se dá por meio dos estudos de recepção, que se constituem em potencial alternativa para alargar a compreensão dos processos culturais comunicacionais. Porém, alerta, a postura do analista deve ser a de despojar-se da necessidade de entender as audiências, pois “o que conta não é a certeza do conhecimento sobre as audiências, mas um engajamento intelectual, crítico e contínuo, com as variadas formas pelas quais somos constituídos através do consumo da mídia” (Ang *apud* Escosteguy, 2009, p. 1).

Outra análise fundamentada no conceito de estrutura de sentimento ilustra, também, a vocação dos EC para as pesquisas de recepção. Trata-se do estudo de Ien Ang sobre a recepção da *soap opera* Dallas, produção audiovisual

que retratava uma família de texanos ricos, mas problemáticos, que foi um sucesso entre as audiências do mundo todo. Decidida a investigar as razões dessa popularidade e a fonte de sua fruição, Ang (1985, p. 10) mandou publicar um anúncio em uma revista feminina declarando que gostava de assistir à série, mas muitas vezes percebia nas pessoas “reações estranhas com relação a isso”, e convidando os leitores da publicação a participarem de seu estudo: “Alguém gostaria de me escrever e contar por que também gosta ou não gosta de assistir ao seriado? Pretendo incorporar essas reações em minha tese universitária. Favor escrever para...”. Nas 42 cartas que recebeu (39 delas respondidas por mulheres), ela investigou os mecanismos pelos quais seria despertado o prazer nas audiências, concluindo que as estruturas do melodrama presentes na *soap opera* levavam ao sentimento de identificação por parte dos receptores e denominando essa experiência como “identificação melodramática”.

Por fim, a análise centrada nos circuitos da cultura, desenvolvida por Du Gay *et al.* (1997), bem como por Johnson (1999), leva a alguns conceitos caros aos EC e à última das características da análise cultural apontadas no breve espaço deste artigo. Para as pesquisas em comunicação, a articulação comum aos circuitos da cultura é, sobretudo, uma forma de apresentar as relações entre a esfera produtiva e suas representações midiáticas e as maneiras pelas quais os sujeitos se apropriam das mensagens, como as decodificam e delas fazem uso em suas vidas privadas. Trata-se de protocolos analíticos que integram a esfera da produção e a instância da recepção, considerando as mediações tecnológicas. Johnson (1999) articula as condições de produção às condições de leitura, atento “às práticas sociais de recepção, entendidas como um espaço de produção de sentido” (Escosteguy, 2007, p. 121).

A proposta do circuito da cultura de Paul du Gay, Stuart Hall, Linda James, Hugh MacKay e Keith Negus (1997) desenvolve-se a partir do estudo do Walkman como artefato cultural, articulando consumo, produção, regulação, identidade e representação, sem privilegiar qualquer desses eixos, para examinar os sentidos atribuídos aos produtos culturais, considerando-os, isto sim, inseparáveis da própria noção de circuito.

Para Du Gay *et al.* (1997), a representação refere-se a sistemas simbólicos, como os textos e imagens envolvidos na produção de um artefato cultural. Por sua vez, esses sistemas geram identidades que lhes são associadas e têm um efeito de regulação na vida social, promovendo consumo. Mais especificamente focando a relação entre produção e consumo, os autores trazem quatro questões nessa articulação:

Em primeiro lugar, ao considerar como o walkman está dirigido a um imaginado consumidor jovem. Em segun-

do, indicando como o nome do aparelho foi guiado por suposições a respeito das respostas dos consumidores. Terceiro, levando em conta aspectos de marketing e, por último, destacando como a Sony tentou monitorar e obter feedback sobre a atividade de consumo (du Gay et al., 1997, p. 52) (Tradução de Escosteguy, 2009, p. 9).

Por meio desse protocolo metodológico é possível verificar as diferentes interfaces e interações entre os eixos dos circuitos e seus possíveis desdobramentos, em particulares categorias analíticas trazidas por pesquisadores que façam uso dos circuitos de cultura, no intuito de prover uma visão ampliada da complexidade inerente a pesquisas que trazem em seu bojo temáticas próprias da cultura midiática contemporânea.

Considerações finais

Ressalvando que este texto é inicial e apenas esboça uma pesquisa que deverá ter desdobramentos e reflexões mais amadurecidas nos próximos anos, aponta-se, no entanto, que este debate deverá se dar a partir dos conceitos e formações através dos quais os EC vêm se desenvolvendo nas múltiplas apropriações que resultam das diversas localizações conjunturais do projeto original inglês do final dos anos 1950.

Trata-se de reconhecer o apoio teórico-metodológico de uma abordagem de natureza qualitativa, que se mundializou e hibridizou na migração de saberes entre múltiplas culturas, tradições, instâncias e práticas sociais, consolidando sua vocação para orientar análises sobre a mídia, em trabalhos que já se tornaram clássicos na área e que brevemente e possivelmente de forma incompleta foram aqui apresentados.

Stuart Hall (2003) explica que os textos seminais e de formação dos EC “não eram, em caso algum, ‘livros-textos’ para a fundação de uma nova subdisciplina acadêmica: nada poderia ter sido mais estranho ao seu impulso intrínseco”. Aponta, entretanto, *The Long Revolution*, de Williams, como o livro que veio a indicar “claramente que o modo de reflexão cultura-e-sociedade deveria ser completado e desenvolvido a partir de outro lugar – um tipo de análise significativamente diferente” (Hall, 2003, p. 132-133).

Dessa forma, ainda que não se intente contribuir para a formação de uma disciplina denominada Estudos Culturais, ou para a sua institucionalização (que já se deu, repete-se, nos insumos a pesquisas dos quais os investigadores deste campo se valem), certamente se voltará a buscar uma metodologia própria dos EC. Isso, sem contornar o problema da necessidade de uma epistemologia do campo através de eufemismos como “estudos da linguagem” ou articulando-o a outros métodos de procedi-

mento como “análise de conteúdo”, quando se trata de apresentar projetos sob o amparo dos Estudos Culturais no âmbito acadêmico – o que solicita um capítulo dedicado à metodologia.

Referências

- ANG, Ien. 1985. *Watching Dallas: soap opera and the melodramatic imagination*. London/New York, Routledge.
- BARKER, Chris. 2008. *Cultural Studies: theory and practice*. London, Sage.
- BRENNEN, Bonnie. 2003. Sweat not melodrama: reading the structure of feeling in *All the President's Men*. *Journalism: Theory, Practice and Criticism*, 4(1):113-131. Disponível em: <http://www.ijpc.org/watergate.pdf>. Acesso em: 28 out. 2015.
- CEVASCO, Maria Elisa. 2001. *Para ler Raymond Williams*. São Paulo, Paz e Terra.
- COIRO-MORAES, Ana Luiza. 2011. Epistemologia dos estudos culturais: Da dialética ao materialismo cultural. In: *Anais do XX Encontro Nacional da Compós*, Porto Alegre, p. 1-15.
- COIRO-MORAES, Ana Luiza. 2012. Estudos culturais aplicados a pesquisas em telejornalismo: paradigmas investigativo e metodológico no *Jornal do Almoço*. In: I.M.M. GOMES, *Análise de telejornalismo: desafios teórico-metodológicos*. Salvador, Edufba, p. 97-114.
- COIRO-MORAES, Ana Luiza. 2014. Estudos Culturais. In: Rose Maria Vidal SOUZA, José MARQUES de MELO, Osvando J. de MORAIS (org.), *Teorias da Comunicação: correntes de pensamento e metodologia de ensino*. São Paulo, Intercom, p. 226-259.
- DEMO, Pedro. 1981. *Metodologia científica em ciências sociais*. São Paulo, Atlas.
- DU GAY, Paul et al. 1997. *Doing Cultural Studies: The story of the Sony Walkman*. London, Sage.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. 2007. Circuitos de cultura/circuitos de comunicação: um protocolo analítico de integração da produção e da recepção. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, 4(1):115-135, nov.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. 2009. Quando a recepção já não alcança: os sentidos circulam entre a produção e a recepção. *E-compós: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*, Brasília, 12(1):1-15, jan./abr. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/348/318>. Acesso em: 10 out. 2015.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. 2012. Jornalismo e estudos culturais: uma perspectiva cultural. In: Itania Maria Mota GOMES (org.), *Análise de telejornalismo: desafios teórico-metodológicos*. Salvador, Edufba, p. 25-38.
- FILMER, Paul. 2003. Structures of feeling and socio-cultural formations: The significance of literature and experience to Raymond Williams's sociology of culture. *British Journal of Sociology*, 54(2):371-396.
- GIL, Antonio Carlos. 2008. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6ª ed., São Paulo, Atlas.
- GROSSBERG, Lawrence. 2006. Does cultural studies have futures? Should it? (Or what's the matter with New York?). *Cultural studies, contexts and conjunctures*. *Cultural Studies*, London/New York, Routledge, 20(1):1-32, jan.
- GROSSBERG, Lawrence. 2013. Entrevista a Adriana Braga. *E-compós: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*, Brasília, 16(2):1-13, maio/ago.

- HALL, Stuart; Liv SOVIK (org.) 2003. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte, UFMG; Brasília, UNESCO.
- HALL, Stuart. 1997. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, **22**(2):15-46, jul.-dez.
- HOGGART, Richard. 1973 [1957]. *As utilizações da cultura: aspectos da vida da classe trabalhadora, com especiais referências a publicações e divertimentos*. Lisboa, Editorial Presença.
- JOHNSON, Richard. 1999. *O que é, afinal, Estudos Culturais?* Tradução e organização de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte, Autêntica.
- KELLNER, Douglas. 2001. *A cultura da mídia – Estudos Culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru (SP), Edusc.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. 2003. *Fundamentos de metodologia científica*. 5ª ed., São Paulo, Atlas.
- LOBO, Gregory J.; CEDEÑO, Jeffrey; RUTTER-JENSEN, Chloe. 2012. The academic institutionalization of Cultural Studies in Latin America. *Cultural Studies*, **26**(1):1-7, jan. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09502386.2012.642542>. Acesso em: 16 ago. 2016.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. 2009. A dissolução dos estudos culturais: consenso genealógico e indefinição epistemológica. In: *Anais do XIX Encontro da Compós*, Rio de Janeiro, RJ, p. 1-16, jun.
- RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3ª ed., São Paulo, Atlas, 1999.
- WILLIAMS, Raymond. 1979 [1977]. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro, Zahar.
- WILLIAMS, Raymond. 1992. *Cultura*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- WILLIAMS, Raymond. 2003 [1961]. *La larga revolución*. Buenos Aires, Nueva Visión.
- WILLIAMS, Raymond. 2007 [1983]. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. São Paulo, Boitempo.
- WILLIAMS, Raymond. 2011 [1958]. *Cultura e sociedade: de Coleridge a Orwell*. Petrópolis, Vozes.

Artigo submetido em 26-01-2016
Aceito em 03-06-2016